



Universidade Federal
de Campina Grande

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO DO CAMPO
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

JUSSARA NOGUEIRA DE SOUZA

**O REPENTE COMO RECURSO DIDÁTICO METODOLÓGICO PARA O ENSINO
DE SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO**

SUMÉ – PB

2015

JUSSARA NOGUEIRA DE SOUZA

**O REPENTE COMO RECURSO DIDÁTICO METODOLÓGICO PARA O ENSINO
DE SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Me. Erivan Silva

SUMÉ – PB

2015

S729r Souza, Jussara Nogueira de.

O repente como recurso didático metodológico para o ensino de sociologia no ensino médio / Jussara Nogueira de Souza. - Sumé - PB: [s.n], 2015.

42 f.

Orientador: Prof. Me. Erivan Silva.

Monografia - Universidade Federal de Campina Grande; Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido; Curso de Licenciatura em Ciências Sociais.

1. Educação – Ensino Médio. 2. Ensino - Sociologia. 3. Recurso didático. I. Título.

CDU: 37.091.33 (043.3)

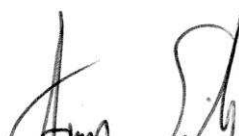
JUSSARA NOGUEIRA DE SOUZA

“O REPENTE COMO RECURSO DIDÁTICO METODOLÓGICO PARA O ENSINO DE SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO”

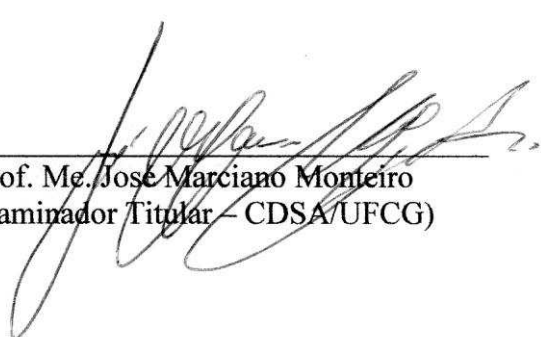
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Ciências Sociais do Centro Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande como requisito para obtenção do título de licenciada em Ciências Sociais.

Aprovada em: 03/12/2015.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Me. Erivan Silva
(Orientador – CDSA/UFCG)



Prof. Me. Jose Marciano Monteiro
(Examinador Titular – CDSA/UFCG)



Prof. Dr. Valdonilson Barbosa dos Santos
(Examinador Titular – CDSA/UFCG)

Dedico esse estudo a todos os trabalhadores que, apesar da exploração e más condições de trabalho a que muitas vezes são submetidos, contribuem incessantemente para a construção deste país.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por estar sempre comigo, me dando discernimento, força e me guiando na construção deste trabalho.

A toda a minha família, em especial a minha mãe, Maria de Lourdes, que além de cumprir o seu papel de mãe, foi responsável também pelo papel de pai. Pelo seu apoio e a dedicação que sempre teve comigo e com os meus irmãos.

Outra pessoa da minha família a quem sou muito grata, é a minha querida sobrinha, Cinthia, que sempre esteve ao meu lado, me incentivando, ajudando e acreditando sempre na minha capacidade.

Ao meu professor-orientador Erivan Silva, que, apesar do nosso contato não ter sido longo, pois só tive a oportunidade de estudar uma única disciplina com ele, aceitou me orientar sem questionamentos.

Ao meu primeiro professor de Sociologia, Luciano Albino, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Campus - VI, Monteiro - PB, a quem tive a oportunidade de conhecer quando cursava Letras - Espanhol, me fazendo despertar o interesse pelo Curso de Licenciatura em Ciências Sociais.

A todos meus professores do curso, que tiveram dedicação, paciência, atenção e preocupação com o nosso desempenho, sempre buscando uma melhor forma para adquirirmos conhecimentos.

Agradeço, especialmente, ao meu professor e coordenador Valdonilson Barbosa dos Santos, sempre muito competente e presente quando precisei. Também por ter aceito, juntamente com o professor José Marciano Monteiro, o convite para fazerem parte da Banca Examinadora na defesa do meu Trabalho de Conclusão de Curso, contribuindo, ambos, com suas valiosas considerações, para o enriquecimento deste trabalho.

Às amigas que construí ao longo do curso, que, sem dúvida, algumas delas, serão para a vida inteira. Por exemplo, o nosso grupo de estudo formado por: Cibele, Jucileide e Paulo César, amigos do peito.

Enfim, a todos que torceram e contribuíram, de maneira direta ou indiretamente, para que eu concluísse esse curso.

O trabalhador é tanto mais pobre quanto mais riqueza produz, quanto mais cresce sua produção em potência e em volume. O trabalhador converte-se numa mercadoria tanto mais barata quanto mais mercadorias produz. A desvalorização do mundo humano cresce na razão direta da valorização do mundo das coisas. O trabalho não apenas produz mercadorias, produz também a si mesmo e ao operário como mercadoria, e justamente na proporção em que produz mercadorias em geral.

(Karl Marx)

RESUMO

O presente trabalho tem como finalidade apresentar um gênero poético chamado repente ou cantoria, na tentativa de levá-lo para a escola e sugerir-lo como um recurso didático metodológico para ser trabalhado nas aulas de Sociologia no Ensino Médio. Existem inúmeros trabalhos de cantadores que dizem respeito a temas sociais, possibilitando aos professores de Sociologia explorar em sala de aula determinadas temáticas com os alunos. Escolhemos para análise o poema *O Suor dos Explorados* (1995), que aborda a situação de exploração que o trabalhador está constantemente vivenciando em seu emprego. Podemos encontrar em suas estrofes conceitos que estão relacionados àqueles desenvolvidos pelo filósofo Karl Marx acerca do tema “trabalho”. Abordamos, num primeiro momento, alguns dos conceitos da teoria desse pensador, especialmente os que se referem ao tema trabalho. Em seguida, fizemos a análise do poema, destacando nas estrofes, os versos dos poetas que eram condizentes com a visão do referido filósofo. Utilizamos também, como aporte teórico, o tópico “A Sociologia no Ensino Médio” das Orientações Curriculares Nacionais (2006), documento que serve como um instrumento de apoio para que os professores desenvolvam propostas didático-pedagógicas a serem trabalhadas em sala de aula. Acreditamos que a relação estabelecida neste estudo entre o gênero musical “repente” e as abordagens teóricas do pensamento sociológico podem contribuir de forma positiva para a realização das aulas de Sociologia no Ensino Médio.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino Médio. Trabalho – Karl Marx. Repente. Sociologia.

ABSTRACT

This paper aims to present a poetical gender called *repente* or *cantoria*, as an attempt to take it to school and suggest it as a methodological didactic resource to be worked in Sociology classes in High School. There are countless works of singers that concern social issues allowing Sociology teachers to explore such themes with their students, in the classroom. We have chosen for our analysis the poem *The Sweat of the Explored* (1995), which deals with the exploitative situation the worker is constantly living in his job. We can find in its strophes concepts related to those developed by the philosopher Karl Marx on the subject “work”. We have approached, at first, some concepts of this thinker’s theory, especially the ones that refer to the subject of labor. Then, we have made the analysis of the poem, highlighting, in the strophes, the poets’ verses that were befitting with the referred philosopher’s vision. We have also used, as a theoretical support, the topic “Sociology in High School” from the National Curriculum Guidelines (2006), a document that serves as a means of supporting for teachers to develop didactic and pedagogical proposals to be worked upon in the classroom. We believe that the relationship established in this study between the musical gender “*repente*” and the theoretical approaches of the sociological thinking may contribute in a positive way for the performance of Sociology classes in High School.

KEY WORDS: High School. Work – Karl Marx. Repente. Sociology.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 A EXPLORAÇÃO DO TRABALHADOR NA TEORIA DE MARX.....	16
2.1 O trabalho como pilar da sociedade moderna.....	16
2.2 Trabalho: dignificação do homem <i>versus</i> exploração.....	17
3 O SUOR DOS EXPLORADOS: TRABALHANDO O POEMA EM SALA DE AULA.....	25
3.1 Apresentando o poema.....	25
3.2 O Repente em sala de aula.....	29
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
REFERÊNCIAS.....	37
ANEXOS	

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo apresentar um gênero poético chamado repente ou cantoria, com a finalidade de levá-lo para a escola e sugeri-lo como possível recurso didático metodológico para as aulas de Sociologia no Ensino Médio. Para tanto, analisaremos o poema *O Suor dos Explorados* (1995), escrito por Orlando Queiroz e interpretado pelos poetas repentistas Sebastião da Silva e Waldir Teles.

O repente é um gênero musical caracterizado pela mistura de poesia e música, no qual predomina o improviso e a criação de versos de repente. Ele possui diversos modelos de métrica e rima e seu canto costuma ser acompanhado de instrumentos musicais. Tais instrumentos, “Tanto a viola quanto a rabeca são instrumentos do período renascentista peninsular, de longa gestação medieval” (SOLER, 1995, p. 106).

No tocante ao Brasil, não há dúvida de que tanto a rabeca quanto a viola devem seu uso a uma implantação que aconteceu nas primeiras etapas da colonização. Efetivamente, a partir do Séc. XVII estes instrumentos não mais teriam podido ser importados, estando como estavam já praticamente desaparecidos em Portugal e na Espanha. Tinham sido substituídos, naquelas terras: a viola cedera seu lugar para a guitarra; a rabeca, para o violino. No sertão a dupla perdura, e manda até hoje (SOLER, 1995, p. 111).

A cantoria está presente em todo o território brasileiro, podendo, assim, variar seu estilo de região para região. “Tradição árabe, ao que tudo indica, a dos nossos violeiros e rabequeiros” (SOLER, 1995, p. 19). Surgiu com os trovadores medievais e, no caso do Brasil, com a tradição ibérica dos trovadores, originando os chamados poetas populares (violeiros ou repentistas). Mesmo sendo expulsos de terras europeias, a rica cultura dos povos árabes já havia sido disseminada e impregnada por todo o território dominado.

A principal característica da poesia natural trazida para o Brasil é, sem dúvida, a arte da improvisação poética, do repentizar. Arte que, com não melhor brilhantismo dá-se também na Espanha, em Portugal, na Itália e em vários dos países da América do Sul oriundos das culturas mencionadas, em primeiro lugar: Brasil, Argentina e Uruguai, notadamente. Ou seja, em raças que tiveram um longo e íntimo contato com a cultura árabe ou que delas descenderam (SOLER, 1995, p. 76, grifos do autor).

O repente possui diversos estilos/modalidades, dentre os quais o mais conhecido é o “desafio”. O próprio nome já nos mostra como é conduzida esta modalidade, através da disputa ou peleja, que é travada pelos violeiros nas cantorias ou nos festivais. “Noutras

regiões do país, o desafio tem outras denominações e são também outras as regras para a improvisação dos versos. Em São Paulo e no Mato Grosso, por exemplo, o desafio tradicional é o cururu” (PEREIRA e AMÂNCIO, 1995, p. 08). Como atuam sempre em duplas, os poetas procuram convencer o público de sua superioridade na elaboração das estrofes sobre o seu companheiro. Assim, fazem a plateia vibrar, chegando esta a criar torcidas, instigando ainda mais a porfia entre eles. Este estilo também é conhecido como “mourão mal criado”, pela pabulagem, pela vantagem e o espírito de grandeza que os poetas demonstram ter ao seu rival. Segundo Soler (1995, p. 104):

Desafio, diálogo contrapondo mais ou menos agressivo, questionário adivinhatório, etc., que foram (e são) características marcantes da tradição poético-musical dos árabes em seus aspectos de espetáculo e de relacionamento humano, motivo pelo qual não podemos estranhar que seja precisamente chamado de “mourão” um tipo de cantoria baseada no diálogo.

Como mencionado anteriormente, existe uma vasta lista de modalidades que se consagraram em todo o país, mais precisamente na região Nordeste, berço da tradição desse gênero poético. As mais conhecidas são: Brasil de Caboclo, O Cantador de Vocês, Martelo Agalopado, Quadrão, Oitavão Rebatido, Remo da Canoa, Dez-a-Quadrão e Quadrão Perguntado, Voa Sabiá, entre outras. Todavia, tais estilos não serão enfatizados neste trabalho, pois nossa finalidade é fazer uma análise do poema *O Suor dos Explorados* (1995), que não se encaixa em nenhum dos estilos mencionados acima, pois se trata de um mote. “A palavra mote se refere a uma frase, geralmente de dois versos, com a qual os poetas devem concluir suas estrofes”. (SAUTCHUK, 2010, p. 171). Os versos são cada linha do poema, que em conjunto formam a estrofe.

Sabemos que a característica marcante do repente diz respeito ao improvisado, ou seja, a elaboração dos versos no momento da apresentação, em cantorias ou nos festivais de violeiros. É comum, nesses dois eventos, a plateia pagar ingresso para assistir. Contudo, também há cantorias em que os ouvintes, no momento em que fazem os pedidos dos temas ou modalidades que serão cantadas pelos poetas, colocam o dinheiro em uma bandeja, que fica em frente aos cantadores. Este tipo de cantoria é conhecido como “cantoria de bandeja” ou simplesmente “cantoria pé-de-parede”. A forma de pagamento fica sob responsabilidade do(a) organizador(a) do evento.

A cantoria ou repente nordestino tem uma forma clássica ou tradicional de apresentação que é denominada pé-de-parede ou simplesmente cantoria,

situação em que dois cantadores cantam versos em diálogo um com o outro e atendem aos pedidos da platéia (SAUTCHUK, 2009, p. 22).

Levando em consideração a improvisação e a agilidade com que os poetas elaboram seus versos, bem como as escolhas aleatórias dos assuntos solicitados pelos ouvintes, optamos por realizar nossa análise fazendo uso de um poema gravado, pois acreditamos que, assim, teríamos um resultado mais proveitoso, uma vez que se trata de um método novo que será apresentado aos alunos. Não queremos dizer, com isso, que seja impossível realizar um trabalho etnográfico em uma cantoria. Poderíamos, por exemplo, levar uma turma a campo, escolher temas específicos para ser cantados pelos poetas, gravar o momento da apresentação e levar o áudio para um debate posterior em sala de aula. No entanto, nesse primeiro momento, entendemos que o uso do repente como uma estratégia didática teria um melhor resultado com um trabalho já gravado e com a letra impressa nas mãos de cada aluno, para melhor compreensão da temática abordada.

Para tanto, utilizamos como aporte teórico as Orientações Curriculares Nacionais (OCN's), que lançam considerações sobre como o poema pode ser trabalhado em sala de aula, assim como elucidações teóricas do pensador Karl Marx, cujos conceitos podem ser encontrados no poema em questão e, por fim, trabalhados nas aulas de Sociologia do Ensino Médio.

As OCN's (BRASIL, 2006) trazem contribuições no sentido de desenvolver um diálogo entre professor e escola sobre a prática docente. “As Orientações Curriculares para o Ensino Médio foram elaboradas a partir de ampla discussão com as equipes técnicas dos Sistemas Estaduais de Educação, professores e alunos da rede pública e representantes da comunidade acadêmica” (BRASIL, 2006, p. 05). Como futuros professores, temos neste material uma sólida base para instigar discussões e reflexões, de modo a contribuir, significativamente, no aprendizado de nossos futuros alunos.

De acordo com as OCN's, “a política curricular deve ser entendida como expressão de uma política cultural, na medida em que seleciona conteúdos e práticas de uma dada cultura para serem trabalhados no interior da instituição escolar” (BRASIL, 2006, p. 08). Assim, acreditamos que o uso do gênero repente como um recurso didático seria mais uma alternativa didático-pedagógica para ser trabalhada em sala de aula, estando intimamente ligada a nossa cultura.

Os trabalhos desenvolvidos pelos poetas repentistas apresentam grande sapiência, uma vez que discorrem sobre os mais variados temas, sempre com a intenção de retratar o meio social em que vivem. “Na proporção de 50 a 70%, nossos violeiros, ou cantadores, ou

repentistas mal assinam o nome, sendo quase todos eles, no entanto, homens de inteligência, de vivacidade de espírito e de memória extraordinárias” (WILSON, 1985, p. 28). Tais trabalhos tornam-se criativos por reportarem fatos do nosso cotidiano, questões culturais, políticas, econômicas e sociais através de um alto poder de criticidade. Estes trabalhos poderão despertar nos alunos inquietações e reflexões sobre determinadas temáticas. Por esta razão, acreditamos que seria válido observar e verificar como o repente pode contribuir para o ensino de Sociologia no Ensino Médio.

De acordo com Souza (2007, p. 111), “recurso didático é todo material utilizado como auxílio no ensino-aprendizagem do conteúdo proposto para ser aplicado pelo professor a seus alunos”. Dessa forma, entendemos que nossa proposta pode servir como uma ferramenta para complementar a aula expositiva, instigando a reflexão e incentivando a participação por parte dos alunos. De acordo com as Orientações Curriculares Nacionais,

Sempre que se pensa em *aula*, imediatamente se pensa em *aula expositiva*. Na realidade, essa é a forma mais conhecida e praticada, o que recentemente tem produzido críticas, sobretudo por parte dos que defendem um “ensino ativo” e quase negam a necessidade da aula expositiva, centralizando a aula no aluno, uma vez que concebem o aprendizado como construção do sujeito – o aluno (BRASIL, 2006, p. 127, grifos do autor).

Na atualidade, alguns professores costumam trabalhar exaustivamente com métodos tradicionais de ensino, o que pode tornar as aulas monótonas e entediantes, não despertando o interesse dos alunos. Alguns, fugindo a esta regra, utilizam músicas ou vídeos para tratar de temáticas específicas. Uma das críticas mais frequentes quanto aos conteúdos trabalhados em sala, sendo eles provenientes de livros didáticos ou não, é a falta de contextualização social e histórica, de acordo com o meio em que vive o aluno.

Ao sugerir o repente como estratégia metodológica, não pretendemos transformar o aluno em um poeta, tampouco exigir que o mesmo faça versos. Nossa proposta de trabalho busca tornar possível uma maior aproximação entre o estudante e a sua região, em nosso caso, o Cariri Paraibano. A utilização do poema *O Suor dos Explorados* (1995) possibilita tratar de conceitos como: exploração, mais-valia, venda da força de trabalho, desigualdade social, consciência de classe, entre outros. Podemos fazer uma ponte entre o discurso dos poetas e os pensamentos sociológicos que abordam tais conteúdos. “É possível, observando as teorias sociológicas, compreender os elementos da argumentação – lógicos e empíricos – que justificam um modo de ser de uma sociedade, classe, grupo social e mesmo comunidade” (BRASIL, 2006, p. 105).

Acreditamos que a junção de teorias sociológicas a esse gênero poético seria significativa para o aprendizado do educando, na medida em que o mesmo adquire uma linguagem específica que a Sociologia oferece, e o repente, por se tratar de um elemento típico da nossa região, pode facilitar a participação, deixando os alunos mais à vontade para refletirem e debaterem suas visões de mundo sobre temas específicos. Segundo as Orientações Curriculares Nacionais (BRASIL, 2006, p. 105):

A Sociologia, como espaço de realização das Ciências Sociais na escola média, pode oferecer ao aluno, além de informações próprias do campo dessas ciências, resultados das pesquisas as mais diversas, que acabam modificando as concepções de mundo, a economia, a sociedade e o outro, isto é, o diferente – de outra cultura, “tribo”, país, etc. Traz também modos de pensar (Max Weber, 1983) ou a reconstrução e desconstrução de modos de pensar.

O pensamento sociológico desempenha um papel fundamental, que é o processo de “desnaturalização” das explicações dos fenômenos sociais. Tudo que engloba estes fenômenos, tudo que compõe a vida em sociedade, sejam as instituições, os modos de vida, a organização política e econômica, a estrutura social como um todo, são transmitidos para os indivíduos como algo natural. Estes, por sua vez, aceitam sem questionar, refletir ou criticar. A Sociologia vem desconstruir tais ideias, mostrando que muitos argumentos que parecem ser naturais são, na verdade, construções ideológicas criadas através das relações sociais, existindo uma classe interessada que se beneficia com este efeito de naturalização.

Outra questão presente nas OCN's (BRASIL, 2006) que é vista como um problema no ensino dessa disciplina diz respeito à maneira como estão sendo passados os conteúdos para os alunos do Ensino Médio. Percebe-se que estes assuntos estão sendo transmitidos literalmente como são vistos nos cursos de Licenciatura em Ciências Sociais. Estão sendo esquecidas as mediações necessárias, as práticas, estratégias que foram apresentadas ao longo do curso, para que haja um melhor desempenho, um trabalho mais proveitoso e interessante para o educando. Este é um grande desafio, pois qualquer discurso deve levar em consideração o público-alvo. Nós, futuros professores, devemos desenvolver habilidades e competências comunicativas que facilitem a compreensão desses conteúdos, para que os alunos sintam-se motivados a participar das aulas, deixando-as mais criativas e satisfatórias.

Desta forma, será enfatizada neste trabalho a utilização do repente nordestino como um recurso didático metodológico na apreensão de conteúdos específicos. Há inúmeros trabalhos de poetas repentistas que possibilitam discutir em sala de aula os mais variados

temas abordados na disciplina de Sociologia. Vale salientar o fato de que a utilização do poema não pretende fazer apenas uma análise estrutural do texto poético, mas fazer uso dos repentes para construir conhecimentos com um olhar sociológico, a partir do conteúdo abordado pelos poetas em seus trabalhos.

Para a construção deste trabalho, utilizamos como metodologia uma revisão bibliográfica, na qual buscamos informações que pudessem embasar de forma mais sólida nosso conhecimento a respeito da constituição dos poemas dos poetas repentistas. Da mesma forma, abordamos também conceitos centrais presentes no pensamento e obra de Karl Marx.

Desta forma, nosso trabalho será estruturado em dois capítulos. No primeiro, faremos uma abordagem teórica sobre conceitos desenvolvidos por Karl Marx, especialmente aqueles que irão se relacionar mais estritamente com o poema utilizado como *corpus* de análise em nosso estudo. Em seguida, no segundo capítulo, apresentaremos o poema *O Suor dos Explorados* (1995), buscando, então, analisá-lo com base nos conceitos apresentados no capítulo anterior. Percebemos, nesse texto poético, a presença de diversos elementos que dialogam com o saber sociológico, fato que possibilitou a sua relação com os conceitos teóricos elaborados pelo referido autor.

2 A EXPLORAÇÃO DO TRABALHADOR NA TEORIA DE MARX

2.1 O trabalho como pilar da sociedade moderna

Trataremos neste capítulo das questões teóricas abordadas pelo autor Karl Marx, dando ênfase em alguns conceitos acerca do tema “trabalho”. Apesar de ser considerado um clássico da Sociologia, este pensador não foi um sociólogo, porém seus estudos foram de grande valia para esta ciência. Foi um revolucionário que marcou a história política com suas ideias humanitárias, buscando promover uma distribuição de renda justa e equilibrada. A sua obra “lançou as bases para explicar a vida social a partir do modo como os homens produzem socialmente sua existência por meio do trabalho, e de seu papel enquanto agentes transformadores da sociedade” (QUINTANEIRO et al, 2002, p. 22).

Suas reflexões foram de grande relevância para o entendimento do contexto social, político, econômico e cultural da Europa em meados do século XIX, mais precisamente na sociedade Inglesa, em que o advento da Revolução Industrial impulsionava o novo sistema socioeconômico Capitalista em processo de transição, provocando mudanças radicais nas velhas estruturas do antigo sistema Feudal. Tais modificações serviram de base para as análises teóricas do referido estudioso.

Na Inglaterra, país pioneiro da Revolução Industrial, surgem as primeiras fábricas, que dão origem ao proletariado. Elas servem de atrativo para um grande número de pessoas que vivem no campo e que se encontram sem trabalho, devido ao novo sistema econômico vigente.

A capitalização e modernização da agricultura provocaram o êxodo de milhares de famílias que, expulsas de seu habitat ancestral, vagavam à procura de trabalho. As cidades, receptoras desses fluxos contínuos, foram crescendo acelerada e desordenadamente (QUINTANEIRO et al, 2002, p. 09).

Essa explosão demográfica provocou um verdadeiro caos nas cidades recém-industrializadas. Por não terem condições de comportar tantas pessoas, houve um aumento considerável de mendigos, aventureiros, ladrões, desocupados, em busca de todo tipo de oportunidades. Esse novo cenário serviu de campo para o desenvolvimento de teorias de vários estudiosos.

Karl Marx foi um desses expoentes, que contribuiu de forma significativa com os seus estudos sobre a sociedade. Apesar de sua teoria ter sido elaborada em meados do século XIX,

ela encontra-se viva, estando presente nas discussões atuais, principalmente no que diz respeito à questão do trabalho, tão bem formulada por Marx. Ele desenvolveu essa questão baseando-se na situação do trabalhador que vivia nas fábricas do país precursor da industrialização, e que se tornava o sustentáculo para o desenvolvimento econômico da Inglaterra. Suas formulações teóricas mostravam que, devido a esse processo de modernização, a sociedade inglesa encontrava-se dividida em classes sociais antagônicas (Burguesia vs Proletariado). A primeira seria formada pelos proprietários ou possuidores dos meios de produção e, a segunda, os que não possuem e que são obrigados a vender a sua força de trabalho em troca de um salário.

As relações de produção são, de fato, a referência última das classes sociais. Os lugares ocupados no processo de produção, basicamente a grande divisão entre proprietários e não-trabalhadores e trabalhadores não-proprietários, é a divisão fundamental que possibilita a organização de coletivos com interesses opostos. (BOITO JR., 2003, p. 199 *apud* FERRAZ, 2009, p. 280)

Vários conceitos foram elaborados para explicar esse processo das relações sociais de produção, sua dicotomia, sua dominação, seus conflitos, entre outros.

2.2 Trabalho: dignificação do homem *versus* exploração

Com o advento da Revolução Industrial surge um novo cenário que dá origem a novas classes sociais completamente opostas (Burguesia vs Proletariado), o que conseqüentemente mudará as relações sociais. Estas, por sua vez, possuem interesses divergentes, originando, assim, uma relação conflituosa. A classe burguesa, por ser a detentora dos instrumentos de produção, é quem domina e controla o atual sistema econômico capitalista. Ela se sobrepõe e explora ao máximo a força de trabalho da classe operária. Por serem desprovidos dos meios de produção, os trabalhadores se submetem a humilhações, transformando-se em “mercadorias” que são compradas pelos patrões.

O avanço do capitalismo como modo de produção dominante na Europa Ocidental foi desestruturando, com velocidade e profundidade variadas, tanto os fundamentos da vida material como as crenças e os princípios morais, religiosos, jurídicos e filosóficos em que se sustentava o antigo sistema (QUINTANEIRO et al, 2002, p. 08).

Diante dessas mudanças, que gradativamente afetava e modificava a vida em sociedade, procurando explicar como os homens se produzem e se reproduzem a sua existência humana, observando o contexto em que viveu no século XIX, época das modificações acima mencionadas, Marx desenvolveu um método para analisar a vida econômica, política, social e intelectual, denominado de Materialismo Histórico. Para Cardozo, “o materialismo histórico pretende a explicação da história das sociedades humanas, em todas as épocas, através dos fatos materiais, essencialmente econômicos e técnicos” (p. 04, s/d). Este período notavelmente conturbado, devido ao processo acelerado de industrialização junto ao novo sistema econômico, acentuando o número de proletários que trabalhava em condições degradantes nas fábricas que surgiam, inspirou Marx no desenvolvimento do Materialismo Histórico. De acordo com suas ideias:

O MATERIALISMO - é para Marx, “o primeiro pressuposto de toda a existência humana e, portanto, de toda a história, é que os homens devem estar em condições de viver para poder “fazer história”. Mas, para viver é preciso antes de tudo comer, beber, ter habitação, vestir-se, educar e etc.. Portanto, a produção dos meios que permitam a satisfação dessas necessidades, a produção da própria vida material” (CARDOZO, p. 04, s/d).

Podemos perceber que a questão do trabalho torna-se central no pensamento marxista, pois é através dela que Marx procura entender as relações sociais ao longo da história. Nas sociedades modernas, no momento de ascensão da Revolução Industrial impulsionada pelo Capitalismo, Marx elaborava em seus estudos questões que iam de encontro aos interesses da classe dominante, apontava a dicotomia existente entre a classe Burguesa e a Proletária. Afirmava que o crescimento da produção e seus excedentes dividiam a sociedade em classes divergentes, ou seja, o patrão/gerente, que administrava, e o trabalhador/operário, que executava o serviço. Esta última é a categoria responsável pelo lucro que enriquecia cada vez mais a elite dominante. Os rendimentos do trabalho excessivo, apesar de ser extraído dos empregados, os tornavam cada vez mais pobres, já que eram destinados aos patrões. Marx alegava que essa situação de desvantagem provocava a desigualdade social, sendo, porém, camuflada pelos exploradores. Estes criavam ideologias que ludibriavam os explorados, fazendo a exploração passar despercebida nas fábricas. Em suas palavras:

A economia política oculta a alienação na característica do trabalho enquanto não analisa a imediata relação entre o trabalhador (trabalho) e a produção. É evidente, o trabalho produz coisas boas para os ricos, mas

produz a escassez para o trabalhador. Produz palácios, mas choupana para o trabalhador. Produz beleza, mas deformidade para o trabalhador. Substitui o trabalho por máquinas, mas encaminha uma parte dos trabalhadores para um trabalho cruel e transforma os outros em máquinas. Produz inteligência, mas também produz estupidez e a cretinice para os trabalhadores (MARX, 2001, p. 113).

Percebemos nesta passagem o fosso que existe entre essas categorias. O autor expõe a situação de descaso e desrespeito com que, muitas vezes, o trabalhador era tratado nas fábricas. Por necessidade, o operário sujeitava-se a condições degradantes, trabalhando longas horas em locais inadequados, sob constante vigilância. O trabalhador vende ao capitalista a sua força de trabalho, em troca de um salário insignificante. Seu novo “dono” passa a controlar toda atividade do trabalhador, passando a ser explorado constantemente, tendo em vista o objetivo do capitalismo, que é o lucro. Faz-se necessário, desta forma, obter o máximo da força de trabalho dos operários. Além disso, ao mesmo tempo em que se estende a jornada de trabalho, encurta-se a vida do próprio trabalhador.

Um dos conceitos que este pensador desenvolveu e que é oriundo dessa exploração desenfreada é a mais-valia. Esta diz respeito ao lucro derivado da produção realizada pelos operários durante horas extras de trabalho, que não são pagas aos mesmos. Desta maneira, o lucro excedente é destinado aos empresários. Esse processo desvantajoso muitas vezes não é percebido pelos empregados, devido ao próprio sistema econômico, que, junto com a classe dominante, elabora ideologias que favorecem a manutenção desta ordem. Esta classe, tendo consciência do seu domínio, cria ideias que acabam sendo vigentes em sua época. Elas acabam maquiando a real situação alienada dos que estão sendo explorados. A força de trabalho destes, no sistema em questão, é regulada como qualquer mercadoria. Sendo assim:

O possuidor de dinheiro compra a força de trabalho pelo seu valor, que, como o de qualquer outra mercadoria, é determinado pelo tempo de trabalho socialmente necessário para a sua produção (isto é, pelo custo da manutenção do operário e da sua família). Tendo comprado a força de trabalho, o possuidor do dinheiro fica com o direito de a consumir, isto é, de a obrigar a trabalhar durante um dia inteiro, suponhamos durante doze horas. Mas em seis horas (tempo de trabalho “necessário”), o operário cria um produto que cobre as despesas da sua manutenção, e durante as outras seis horas (tempo de trabalho “suplementar”), cria um “sobreproduto” (*sic*) não retribuído pelo capitalista, que constitui a mais-valia. (LÊNIN, p. 08, s/d).

Mesmo não satisfeitos com essa relação de desrespeito, os trabalhadores, para atender as suas necessidades básicas, são obrigados a acatar essa situação por questões de sobrevivência. Transformados praticamente em máquinas, os operários perdem o controle do

ritmo produtivo, trabalhando sob rígida disciplina. Apesar de na prática o trabalhador ser considerado livre, quer dizer, não sendo mais escravo nem servo, não gozavam de uma liberdade plena, já que trabalhavam em um regime de horas que chegava à exploração. Encontravam-se presos a um sistema opressor, que não garantia direitos a seus funcionários, buscando apenas enriquecer à custa do seu suor. Percebemos que eles não consideram o trabalho como algo prazeroso e sim um martírio em sua vida.

As prolongadas jornadas de trabalho “labutavam em turnos diários de 12 a 16 horas, ampliados para até 18 horas quando a iluminação a gás tornou-se disponível” (QUINTANEIRO et al, 2002, p. 10) e com uma alimentação insuficiente, em um ambiente totalmente insalubre, provocando a morte precoce de muitos proletários. Indignados, muitos trabalhadores se rebelavam, reivindicando melhores condições de trabalho. Foi uma luta difícil e demorada, mas com o passar do tempo, organizados em associações, foram aos poucos sendo conquistados alguns direitos para essa categoria.

Portanto, essa cisão na sociedade moderna capitalista cria segmentos que culmina com o advento das classes sociais. Segundo a visão de Oliveira & Quintaneiro (2002, p. 38):

É o surgimento de um excedente da produção que permite a divisão social do trabalho, assim como apropriação das condições de produção por parte de alguns membros da comunidade os quais passam, então, a estabelecer algum tipo de direito sobre o produto ou sobre os próprios trabalhadores.

Nesse contexto, criou-se uma relação conflituosa entre a classe opressora e a oprimida. Ao longo de toda a história, podemos perceber que constantes lutas foram travadas, umas consideradas mais acirradas e outras mais brandas, tendo como objetivo barrar a exploração das classes menos favorecidas. Como se tratam de aspirações diferentes, os interesses se tornam antagônicos. Essa conjuntura de contradição não seria diferente nas sociedades modernas, as quais eram analisadas por Marx.

Para explicar tal situação nas sociedades industriais, ele desenvolveu a teoria da luta de classes. Em sua concepção, eram visíveis as desigualdades sociais em tal contexto, uma vez que a Burguesia era a dona dos meios de produção e se beneficiava do trabalho do Proletariado, classe não possuidora desses meios, tendo somente a força de trabalho para ser comprada como uma mercadoria. Tendo em vista que sua análise teórica enfatiza esse cenário do capitalismo nas sociedades europeias, ele acreditava que em outros períodos da história, mesmo em civilizações menos desenvolvidas, sempre existiu a luta de classes. Em suas palavras:

LUTAS DE CLASSES – “a história de toda a sociedade que existiu até o momento é a história da luta de classes; livre e escravo, patrícios e plebeus; barões e servos da gleba, membros das corporações e aprendizes, em suma, para Marx, estiveram continuamente em mútuo contraste e travaram lutas que acabou em transformação revolucionária de toda a sociedade” (CARDOZO, p. 07, s/d).

Para Marx, as sociedades sempre foram estruturadas em categorias opostas, dominantes e dominadas. Acreditava, contudo, que um processo revolucionário modificaria essa realidade. Sabemos que essa situação conflituosa gira em torno da apropriação privada dos meios de produção, que são controlados pela elite da sociedade. Segundo o autor, para que esse domínio fosse desfeito e surgisse uma sociedade sem classes e sem conflitos, seria necessária uma classe que assumisse esse papel revolucionário, com o objetivo de destituir a Burguesia do poder, abolindo, desse modo, as desigualdades sociais. Marx acredita que a classe capaz de realizar tal feito era o Proletariado. Mas para a efetivação desse processo revolucionário, tendo como objetivo modificar as relações sociais até então impostas pela burguesia, seria preciso despertar a consciência de classe dos proletários. Sendo assim, estes deveriam se organizar politicamente em associações, para representar a defesa de seus interesses que vão de encontro às exigências da classe opressora.

Cientes de sua situação social, submetidos a condições degradantes de exploração, os trabalhadores, por meio da revolução, retirariam das mãos da burguesia o controle dos meios de produção existentes. De acordo com Oliveira & Quintaneiro (2002, p. 41), “Para o materialismo histórico, a luta de classes relaciona-se diretamente à mudança social, à superação dialética das contradições existentes”. Como mencionado anteriormente, as contradições entre classes sempre teriam existido, desde épocas passadas. Nas sociedades modernas, que foram oriundas do processo de transição das sociedades feudais, criou-se dentro das suas próprias estruturas antagônicas, nas relações sociais de poder, a classe que se tornaria, para Marx, o agente revolucionário e transformador da sociedade capitalista.

As relações burguesas de produção e troca, as relações burguesas de propriedade, toda essa sociedade burguesa moderna, que fez surgir tão potentes meios de produção e de troca, assemelha-se ao feiticeiro que já não é capaz de dominar as potências infernais que desencadeou com seus conjuros [...] As armas de que a burguesia se serviu para derrubar o feudalismo voltam-se hoje contra a própria burguesia. Porém a burguesia não forjou somente as armas que lhe darão a morte; produziu também os homens que empunharão essas armas – os operários modernos, os proletários. (MARX; ENGELS, 1975 p. 27-28 *apud* OLIVEIRA & QUINTANEIRO, 2002, p. 48).

Essa classe, antes explorada, se tornaria o mais potente agente de mudança, atuando com o intuito de acabar com a apropriação privada dos meios de produção nas mãos de uma única classe, como também extinguiria o modo de produção capitalista vigente. Para Marx, a revolução erradicaria a desigualdade social, não havendo mais conflitos, já que uma nova sociedade, surgida após o processo revolucionário, não possuiria classes sociais, nem, conseqüentemente, as gritantes contradições de outrora.

Ela seria formada sobre novas bases e planos altruístas. Marx idealizava transformar a sociedade em um conjunto mais humanitário, solidário, onde não houvesse concentração de renda nas mãos de poucos, buscando promover uma distribuição de condições justa e equilibrada. Essa nova organização social visava, entre outras coisas, promover a igualdade entre os indivíduos, atendendo aos interesses de toda uma coletividade, que antes se limitava a atender aos interesses de pessoas particulares de uma única camada da sociedade, ou seja, a burguesia. Esse direito de forma igualitária se estenderia aos demais setores da sociedade. Na busca de um caminho de humanização, todos os bens seriam compartilhados por todos, levando em consideração o bem comum.

Essas transformações se realizariam por meio do já citado processo revolucionário, promovendo uma nova forma de organização social que, num período transitório, seria uma ditadura do proletariado. Para Oliveira & Quintaneiro, “ao realizar todas as condições a que se propôs, tornar-se-ia uma sociedade comunista” (2002, p. 49). A velha sociedade civil daria origem a uma associação sem classes e sem conflitos. A ausência de conflitos refere-se à não existência de um poder político, pois este seria o responsável pelo antagonismo de classes que se propaga dentro da sociedade civil. Segundo Marx, em Carta a Weidemeyer (1846, p. 481 *apud* OLIVEIRA & QUINTANEIRO, 2002, p. 41), “[...] a luta de classes conduz, necessariamente, à ditadura do proletariado; [...] esta mesma ditadura não é mais que a transição para a abolição de todas as classes e para uma sociedade sem classes”.

Os proletários, ao perceberem que todos os meios para o desenvolvimento da produção tornaram-se ferramentas para explorá-los e dominá-los, organizar-se-iam politicamente em busca de atender e defender os direitos da categoria. Neste caso, seria inadmissível a permanência dos meios de produção nas mãos da burguesia. Marx ressalta a questão de que o fato dos trabalhadores deporem os burgueses do controle da sociedade, não significaria que os revolucionários viriam a ocupar o lugar da antiga classe dominante. Não se trata aqui de uma disputa de classes de quem irá governar ou gerenciar a sociedade em

questão, de uma mera troca de posições, e sim do desaparecimento das classes dentro da sociedade.

As antigas estruturas sociais que regiam as sociedades modernas até então, sejam elas políticas, econômicas, religiosas, ideológicas, etc., entrariam em ruínas, dando origem a uma nova organização social, estruturada sobre novas bases. Marx (1973, p. 29 *apud* OLIVEIRA & QUINTANEIRO, 2002, p. 54) argumenta que “As relações de produção burguesas são a última forma contraditória do processo de produção social...”. Logo, “a condição da emancipação da classe operária é a abolição de todas as classes” (MARX, 1974, p. 159 *apud* OLIVEIRA & QUINTANEIRO, 2002, p. 54). Com a emancipação dos operários, a direção dos meios de produção seguiria de forma condizente para atender as necessidades de todos de maneira igual, excluindo o favorecimento antes existente para alguns. Somente através da revolução seria possível modificar esse cenário, pois se esta classe continuasse ocupando uma posição inferior, do ponto de vista político, econômico ou social, conseqüentemente suas ideias e interesses também estariam em uma situação de submissão, sofrendo, então, coerções por parte da classe dominante.

Um fator determinante para que “a vida humana alienada” possa se manifestar e se libertar no sistema capitalista, diz respeito ao controle que a ideologia dominante possui sobre os indivíduos. Partindo desse pressuposto, percebemos que o monopólio de uma sociedade não se restringe apenas a quem controla os recursos econômicos. Existe um grande peso dentro das ideologias veiculadas em uma sociedade, por aqueles que detêm os meios de comunicação. Sendo assim, seria importante que os indivíduos atentassem para esse domínio silencioso impregnado em suas mentes, para, com isso, desenvolverem um senso crítico, libertando-se, assim, das visões que são criadas para favorecerem uma parcela da sociedade junto ao próprio sistema capitalista.

Marx acreditava que, depois que as transformações ocorridas no processo revolucionário fossem alcançadas, a sociedade se tornaria comunista. Esta seria diferente da capitalista no sentido em que no capitalismo, cada trabalhador possui uma função fixa, da qual não pode se desvencilhar. É, assim, coagido a exercer sempre a mesma função, para que não perca seus meios de subsistência. A sociedade comunista valorizaria a libertação das capacidades criadoras humanas, não prendendo o indivíduo a uma única tarefa a ser por ele exercida, sem possibilidade de modificação. Cada trabalhador poderia, então, aprofundar-se na área com que tivesse maior afinidade, e, durante este processo, trabalharia em várias funções de sua escolha, sem que nenhuma delas tenha que lhe ser imposta em caráter

definitivo. Como ilustram Marx e Engels (1976, p. 40-41 *apud* OLIVEIRA & QUINTANEIRO, 2002, p. 56):

Com efeito, desde o momento em que o trabalho começa a ser repartido, cada indivíduo tem uma esfera de atividade exclusiva que lhe é imposta e da qual não pode sair; é caçador, pescador, pastor ou crítico e não pode deixar de o ser senão quiser perder seus meios de subsistência. Na sociedade comunista, porém, onde cada indivíduo pode aperfeiçoar-se no campo que lhe aprouver, não tendo por isso uma esfera de atividades exclusiva, é a sociedade que regula a produção geral e me possibilita fazer hoje uma coisa, amanhã outra, caçar de manhã, pescar à tarde, pastorear à noite, fazer crítica depois da refeição, e tudo isso a meu bel-prazer, sem por isso me tornar exclusivamente caçador, pescador ou crítico.

Desta forma, percebemos que a nova conjuntura social, idealizada por Marx, tinha como objetivo promover a demolição das bases da sociedade capitalista, promotora de desigualdades sociais e lutas de classes, visando à construção de uma nova sociedade, em que reinariam a liberdade dos indivíduos, a igualdade de oportunidades para todos, assim como uma divisão mais igualitária do trabalho entre os homens. Assim sendo, deixaria de existir a grande distância entre empregador e empregado, situação essa que, no Capitalismo, fornece as condições para que se instaure a exploração – tema que será abordado no capítulo seguinte, utilizando como subsídio um trabalho poético que discorre sobre a temática em questão.

3 O SUOR DOS EXPLORADOS: TRABALHANDO O POEMA EM SALA DE AULA

3.1 Apresentando o poema

Neste capítulo abordaremos como o repente pode ser trabalhado nas aulas de Sociologia. Também conhecido por cantoria, essa manifestação cultural é muito comum na Região Nordeste, principalmente nos Estados da Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Ceará.

Acreditamos que a correlação desse gênero com as teorias sociológicas possam contribuir para que o educando consiga uma melhor compreensão de temas discutidos nesta disciplina. Vemos constantemente professores usando músicas como estratégia didática para tratar de assuntos específicos. A nossa proposta é, ao invés de usarmos a música, utilizarmos o repente como recurso didático metodológico. Vemos no áudio uma ferramenta importante, por ser uma ferramenta inovadora e que pode atrair a atenção dos alunos, nos possibilitando, também, fugir da mesmice em sala de aula.

O poema que apresentaremos como *corpus* de análise é *O Suor dos Explorados* (1995), de autoria de Orlando Queiroz. A mesma é cantada pelos poetas repentistas Sebastião da Silva e Waldir Teles. Nela estão presentes reflexões e críticas sobre a situação dos trabalhadores que são frequentemente explorados por seus patrões. O próprio mote/assunto desse trabalho, “O Suor dos Explorados Sustenta os Exploradores”, nos remete à principal crítica a respeito do trabalho na visão do filósofo Karl Marx: a exploração.

Faremos, a partir deste ponto, a análise do poema *O Suor dos Explorados* (1995). Encontraremos, na fala dos poetas repentistas, alguns conceitos que estão presentes na teoria de Marx, que possibilitarão ao(a) professor(a) de Sociologia trabalhar e debater com os alunos, nas aulas, assuntos relacionados ao tema “trabalho”. Ao longo da análise das estrofes deste poema, encontraremos no discurso dos poetas ideias que estão relacionadas a conceitos desse pensador, que serão elucidadas no decorrer deste capítulo.

O Suor dos Explorados

Se Deus do céu nos ouvisse
E invertesse a moeda
Invés do choque ou da queda

O trabalhador subisse
Talvez o forte sentisse
Que os fracos são sofredores
Sentindo na pele as dores
Dos mesmos corpos suados
O suor dos explorados
Sustenta os exploradores

Trabalhar fora de horário
Acho uma exploração
Sem ter remuneração
Nem aumento de salário
Dando lucro a empresário
Contra nós trabalhadores
Aonde os nossos valores
Jamais foram respeitados
O suor dos explorados
Sustenta os exploradores

Exploração desumana
Acontece todo dia
Massacrando boia fria
Que vive cortando cana
Sem ter nem uma choupana
Moram todos a favores
Mandados pelos senhores
Que nunca foram mandados
O suor dos explorados
Sustenta os exploradores

O trabalhador rural
É quem mais tem padecido
Massacrado e oprimido
Por quem possui capital

Passa fome, dorme mal
Ara terra sem tratores
Puxando cultivadores
Como burros alugados
O suor dos explorados
Sustenta os exploradores

Já tenho visto o padeiro
Vendo o pão, morrer de fome
Produz o pão, mas não come
Porque lhe falta dinheiro
Eu também já vi pedreiro
Que faz mansão pra doutores
E os filhos são moradores
Nos meio dos favelados
O suor dos explorados
Sustenta os exploradores

Na empresa do burguês
Tem senhores e senhoras
Trabalhando doze horas
Por um salário de seis
Quando chega o fim do mês
Pra pagar fornecedores
Não dá, ficam devedores
Novos juros são cobrados
O suor dos explorados
Sustenta os exploradores

Este suor denuncia
Aos patrões mercenários
Que humilham os operários
Que promovem tiranias
Vampiros da covardia

Cruéis e perseguidores
Verdadeiros mercadores
De corpos negociados
O suor dos explorados
Sustenta os exploradores

Só há uma solução
Pra resolver esse impasse
A consciência de classe
Contra toda exploração
Dividir com o patrão
Os lucros e dissabores
Colocando empregadores
No lugar dos empregados
O suor dos explorados
Sustenta os exploradores

Para o desenvolvimento da análise do poema já mencionado, usaremos como aporte teórico o tópico “A Sociologia no Ensino Médio” das Orientações Curriculares Nacionais (BRASIL, 2006). Este não é um manual a ser seguido, mas serve como um instrumento de apoio, para que os professores reflitam e elaborem suas próprias propostas, a serem desenvolvidas na sala de aula. Temos como objetivo levar o repente para a escola e usá-lo como estratégia didática. No poema *O Suor dos Explorados* (1995), vemos a possibilidade de aprofundar o tema “trabalho” a partir do discurso dos poetas, fazendo um diálogo com alguns conceitos da teoria do filósofo Karl Marx. Sendo assim,

“pode-se verificar que pelo menos três tipos de recortes são reiterados nas propostas construídas para o ensino de Sociologia no ensino médio e encontráveis nos parâmetros curriculares oficiais, nos livros didáticos e mesmo nas escolas. São eles: *conceitos, temas e teorias*” (BRASIL, 2006, p. 116-117, grifos do autor).

Uma das preocupações presente nas OCN’s (BRASIL, 2006) diz respeito à maneira como esses três tipos de recortes estão sendo manuseados na sala de aula. Já que “A tendência é os professores, os livros e as propostas apresentarem esses recortes separadamente quando não optam por trabalhar somente com um deles” (BRASIL, 2006, p. 117). Este documento

sugere que tais recortes possam ser trabalhados mutuamente, um como complemento do outro, sendo impossível trabalhar cada um deles individualmente. Acrescenta que “O que é possível fazer é tomar um deles como ‘centro’ e os outros como referenciais” (BRASIL, 2006, p. 117). Podemos desenvolver na nossa proposta com o repente essas sugestões.

Como mencionado anteriormente, nosso *corpus* de análise nos possibilita uma maior reflexão a respeito do tema “trabalho”. Encontraremos uma narração que descreve a situação de descaso e exploração a que é submetida à vida dos trabalhadores em seus empregos. Também estão presentes conceitos como: exploração, mais-valia, desigualdade social, venda da força de trabalho, consciência de classe etc., que serão passíveis de discussões teóricas. “Um *tema* não pode ser tratado sem o recurso a conceitos e a teorias sociológicas senão se banaliza, vira senso comum, conversa de botequim” (BRASIL, 2006, p. 117, grifos do autor).

É importante que o professor de Sociologia enfatize sempre os conhecimentos prévios dos alunos, para, desta forma, motivar sua maior participação nos debates propostos. Além disso, o docente deve estar atento e seguro no que diz respeito às teorias sociológicas, para saber o momento certo de intervir, direcionando a discussão sempre com embasamento teórico.

3.2 O Repente em sala de aula

Na análise do poema, a seguir, apontaremos nas estrofes alguns dos conceitos que interessam à Sociologia, enfatizando os mais visíveis. *O Suor dos Explorados* (1995) é um trabalho poético que aborda a exploração vivida pelo trabalhador. Percebemos, nos versos dos poetas, uma relação de contextualização com o meio social em que vive o aluno, ao contrário de obras que se apresentam muito distantes de sua realidade. Desta forma, é possível facilitar a compreensão e a participação do mesmo sobre o tema em questão, salientando, mais uma vez, a importância de que cada professor tenha a preocupação de trazer a discussão do assunto analisado para a realidade do educando. Espera-se como resultado uma melhor reflexão, instigando o senso crítico, bem como um melhor entendimento.

Podemos notar na segunda estrofe, destacada a seguir, conceitos referentes à “exploração” e também à “mais-valia”:

Trabalhar fora de horário
Acho uma exploração

Sem ter remuneração
Nem aumento de salário
Dando lucro a empresário
Contra nós trabalhadores
Aonde os nossos valores
Jamais foram respeitados
O suor dos explorados
Sustenta os exploradores

Sabemos que os conceitos de exploração e mais-valia são interligados, já que um se origina do outro. “A taxa de mais-valia, a razão entre trabalho excedente e trabalho necessário, expressa o grau de exploração da força de trabalho pelo capital” (OLIVEIRA & QUINTANEIRO, 2002, p. 45). É o trabalho produzido através da exploração e não pago ao trabalhador. Esse valor ou lucro, que é produzido durante o tempo de trabalho excedente, não é apropriado pela classe trabalhadora, e sim pela burguesia. Segundo as referidas autoras, “O que impede o trabalhador de perceber como se dá efetivamente todo esse processo é sua situação alienada” (2002, p. 45). Os operários não se dão conta que estão sendo explorados devido à ideologia que lhes é inculcada pela classe burguesa, fazendo-os, na maioria das vezes, aceitar a situação subjugada sem questionamentos.

Em resumo, a força de trabalho absorvida pelo sistema capitalista “é trabalho forçado, ainda que possa parecer o resultado de uma convenção contratual livremente aceita” (MARX, 1973, p. 801 *apud* OLIVEIRA & QUINTANEIRO, 2002, p. 45). Percebemos, nessa estrofe, a possibilidade de discutir tais conceitos. Nos dois primeiros versos, podemos definir o processo de exploração quando o poeta fala: “Trabalhar fora de horário, acho uma exploração”. A mais-valia é oriunda da exploração, estando estes conceitos correlacionados. Podemos notar esta relação na seguinte passagem: “Sem ter remuneração, nem aumento de salário, dando lucro a empresário, contra nós trabalhadores, aonde os nossos valores, jamais foram respeitados, o suor dos explorados sustenta os exploradores”. Identificamos, também, uma linguagem acessível, que nos permitirá debater com os alunos esses conceitos de maneira clara e objetiva. Uma das características marcantes nos trabalhos dos repentistas é a questão de reportarem fatos do nosso cotidiano. Notamos que tal característica pode contribuir significativamente no que diz respeito à captação de conteúdos científicos por parte dos alunos.

Os conceitos são elementos do discurso científico que se referem à realidade concreta. O discurso sociológico merece um tratamento especial em sala de aula. Por isso, em parte, o trabalho do professor de Sociologia consiste numa *tradução*, ou o que no campo das Ciências Naturais muitos chamam de *alfabetização científica* (BRASIL, 2006, p.117, grifos do autor).

O uso de conceitos científicos no Ensino Médio é fundamental, pois permite ao educando desenvolver o domínio de uma linguagem específica para as análises das questões sociais. Porém, cabe ao professor desenvolver habilidades e competências comunicativas que facilitem a compreensão dessa linguagem por parte dos alunos. Como sabemos, todo discurso tem o seu público alvo e na sala de aula não pode ser diferente. Deparamo-nos com um universo de conhecimentos diversificados, fato que deve ser levado em consideração. Devemos dar importância também aos conhecimentos prévios de cada aluno sobre as temáticas abordadas, incentivando, assim, a participação, deixando-os mais à vontade para expressar suas visões de mundo.

Outra estrofe relevante para a nossa discussão referente ao tema “trabalho” é a sétima. Podemos enfatizar nesta, um dos conceitos que Marx definiu como a “venda da força de trabalho” dos operários.

Este suor denuncia
Aos patrões mercenários
Que humilham os operários
Que promovem tiranias
Vampiros da covardia
Cruéis e perseguidores
Verdadeiros mercadores
De corpos negociados
O suor dos explorados
Sustenta os exploradores

No sistema capitalista o patrão ou empresário passa a comprar horas de trabalho dos operários, exigindo seu cumprimento. Não tendo outros meios de sobrevivência, os trabalhadores muitas vezes acabam se submetendo a situações desumanas, transformando-se em mercadorias para consumo do patrão. Vendem, assim, sua força de trabalho (mão de obra) em troca de um salário irrisório. Segundo Marx (1983, p. 211-2 *apud* TOMAZI, 2010, p. 46),

o trabalhador, durante toda a sua existência, nada mais é que força de trabalho e que, por isso, todo o seu tempo disponível é por natureza e por direito tempo de trabalho, portanto, pertencente à autovalorização do capital.

Esse sistema econômico, vigente nos dias atuais, tem como objetivo o lucro. Sendo assim, a burguesia, classe dominante, procura exercer o seu poder de domínio sobre essa classe subjugada. Podemos perceber tais reflexões nos primeiros versos da estrofe acima: “Aos patrões mercenários, que humilham os operários, que promovem tiranias, vampiros da covardia, cruéis e perseguidores”. Fica evidente nesta passagem do poema o poder que a classe detentora dos meios de produção tem sobre os que vendem a sua mão de obra - os empregados.

Está explícito também o domínio, o tratamento excessivamente rígido, que resulta na exploração desenfreada sobre esta classe oprimida. Nos versos seguintes, ainda notamos relações com as visões de Marx, no momento em que os repentistas afirmam “Verdadeiros mercadores de corpos negociados”. Podemos relacionar esse fragmento da estrofe com a concepção desse estudioso, no que diz respeito à compra da própria dignidade dos trabalhadores, que passam a ser vistos como mercadorias que são compradas pelos seus patrões. Estes passam a controlar praticamente toda a vida de seus subordinados. Devido às longas jornadas de trabalho, os operários permanecem quase o dia inteiro nas fábricas, vivenciando a exploração e uma rígida disciplina, imposta pelos detentores dos meios de produção.

De acordo com as autoras Oliveira & Quintaneiro (2002, p. 44), “A força de trabalho é uma mercadoria que tem características peculiares: é a única que pode produzir mais riqueza do que seu próprio valor de troca”. Mas para que essa característica se concretize, é necessário o cumprimento de um dos principais papéis que a sociedade capitalista desempenha para o seu bom funcionamento: a propagação da ideologia da igualdade. Apesar disso, as classes continuam sendo amplamente antagônicas, pois o parâmetro em que aquela ideologia se baseia é o mercado. Dito de outra forma, de um lado existe o empregado que oferece ao mercado a sua força de trabalho e do outro, o empregador que a compra por um salário. É fundamental que tal ideia de equidade na relação dessas categorias se propague, pois assim, garante-se a solidez e o poder da classe dominante.

Compreendemos, no entanto, que esse discurso em que os homens aparecem como iguais diante da lei, do Estado, no mercado etc., se trata de uma concepção maquiada e camuflada pela classe burguesa, para que a classe operária não se dê conta da situação que

muitas vezes chega ao descaso e ao desrespeito para com eles. Sendo assim, a execução da produção acaba se tornando a única opção para os empregados, que, por não serem os donos dos meios de produção, veem-se forçados a vender sua atividade vital. Segundo as autoras Oliveira & Quintaneiro (2002, p. 52), “Marx considera que o trabalhador não se sente feliz, mortifica seu corpo e arruína seu espírito no trabalho que é obrigado a fazer, que é externo a ele”. Vale ressaltar, nas palavras de Marx (1973, p. 619 *apud* OLIVEIRA & QUINTANEIRO, 2002, p. 53):

Substituem o trabalho atrativo por trabalho forçado. Fazem com que as condições em que se desenvolve o trabalho sejam cada vez mais anormais, e submetem o trabalhador, durante seu serviço, a um despotismo tão ilimitado como mesquinho. Convertem toda sua vida em tempo de trabalho...

Dando continuidade à análise do poema, nos deparamos na última estrofe com outro conceito relevante desenvolvido por Marx, o de “consciência coletiva”. É fundamental que este seja debatido nas aulas de Sociologia, pois através dele compreendemos o papel dos operários como agentes atuantes e transformadores da sociedade capitalista. Como sabemos, os trabalhadores, até então, eram muitas vezes tratados com desrespeito e opressão. Porém, nas reflexões desse estudioso, essa categoria poderia modificar essa situação de desvantagem e sofrimento, desde que se organizassem em associações e começassem a se rebelar contra as explorações impostas pela classe opressora. Os operários alcançariam outro patamar, deixariam de ser marginalizados e passariam a atuar como os principais personagens da história, que iriam traçar novos rumos para as relações sociais.

Sendo assim, Oliveira & Quintaneiro afirmam que: “É por meio da luta de classes que as principais transformações estruturais são impulsionadas, por isso ela é dita o ‘motor da história’. A classe explorada constitui-se assim no mais potente agente da mudança” (2002, p. 41). Diante do exposto, poderemos fazer uma ponte entre essa discussão e a estrofe abaixo, que contém alguns versos que discorrem a respeito do conceito “consciência coletiva”.

Só há uma solução
Pra resolver esse impasse
A consciência de classe
Contra toda exploração
Dividir com o patrão
Os lucros e dissabores

Colocando empregadores
No lugar dos empregados
O suor dos explorados
Sustenta os exploradores

Percebemos no discurso do poeta, logo nos primeiros versos, a ideia da necessidade de mudar a realidade de descaso que assola a classe dos trabalhadores, que resultaria na consciência de classe por parte dos operários, no momento em que o repentista afirma “Só há uma solução pra resolver esse impasse, a consciência de classe contra toda exploração, dividir com o patrão os lucros e dissabores”. Essa tomada de consciência partiria da necessidade da classe subalterna de se organizar politicamente para que houvesse uma defesa consciente de seus interesses, do seu bem comum, libertando-se, desse modo, dos abusos provocados contra eles, advindos da dominação burguesa.

É notório que, ao longo de toda a história da humanidade, as lutas de classes sempre foram evidentes e constantes. Não seria diferente na sociedade capitalista, já que a dicotomia e o conflito são visíveis entre a classe dominante – proprietária dos meios de produção, sustentada pela exploração do trabalho – e a classe dominada, não detentora dos meios de produção. Segundo Marx, em Carta a Weidemeyer (1846, p. 481 *apud* OLIVEIRA & QUINTANEIRO, p. 41), “[...] a luta de classes conduz, necessariamente, à ditadura do proletariado; [...] esta mesma ditadura não é mais que a transição para a abolição de todas as classes e para uma sociedade sem classes”.

Com suas ideias humanitárias, esse pensador vislumbrava uma sociedade igualitária, com uma distribuição de renda justa e equilibrada, em que os bens seriam partilhados por todos, sem nenhuma distinção de classe social. Ele acreditava na possibilidade dessa realização através da ditadura do proletariado. Tendo essa categoria consciência de sua situação social, se organizaria para defender seus interesses, que iriam de encontro aos interesses da classe burguesa. Isso não quer dizer que esse grupo explorado, após se organizar politicamente e alcançar certo nível de poder, fosse ocupar o posto da classe dominante. Não se trata de trocar posições de categorias, e sim de criar uma nova sociedade sobre outras bases.

Por isso é que Marx e Engels, no Manifesto do Partido Comunista (1975, p. 32 *apud* OLIVEIRA & QUINTANEIRO, p. 48), imputavam a responsabilidade do papel de agente transformador da sociedade capitalista: “De todas as classes que hoje enfrentam a burguesia, só o proletariado é uma classe verdadeiramente revolucionária...”. Na visão desses autores,

após esse processo revolucionário, as antigas estruturas sociais cairiam por terra, ou seja, os meios de produção não seriam mais dominados pela elite da sociedade, como também o modo de produção capitalista seria extinto. Surgiriam novas relações sociais, uma sociedade fundamentada em uma forma de organização social baseada na igualdade. Esse novo cenário aboliria as classes e seus conflitos, resultando em igualdade de condições e oportunidades para todos, sem a exploração de uma parcela da sociedade sobre outra.

Partindo destas considerações, podemos ratificar o quanto as ideias marxistas se fazem presentes no poema analisado como exemplo do gênero “repente”. Esta relação entre o referido gênero e as teorias sociológicas que ele permite abordar constitui uma rica parceria a ser explorada em sala de aula, na medida em que facilita a aquisição de um vocabulário teórico por meio de uma linguagem simples e a abordagem de temas polêmicos a partir do contexto social mais imediato do aluno. Esperamos contribuir, desta forma, com a apresentação de um recurso didático metodológico que torne mais produtivas as aulas de Sociologia no Ensino Médio.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto até aqui, podemos reiterar a validade da proposta do uso do repente como recurso didático metodológico, através do poema que utilizamos como objeto de análise: *O Suor dos Explorados* (1995). O poema em questão é um exemplo de como se pode trabalhar o repente nas aulas de Sociologia no Ensino Médio. Abordamos, aqui, conceitos centrais da teoria de Karl Marx. A relação feita entre os trabalhos poéticos e os textos sociológicos evidencia a possibilidade de se escolher, dentre um vasto repertório de obras produzidas pelos poetas repentistas, determinado trabalho que aborde temas relevantes para a vida em sociedade. Feito isso, há uma grande possibilidade de encontrar autores que abordem tais temas e discorram sobre eles em seus estudos sociológicos.

Acreditamos que esta relação – o repente que mostra a voz do povo e a ciência que estuda a vida em sociedade – constitui um campo fértil com inúmeras possibilidades para a abordagem dos mais diversos temas, contribuindo para a produção do conhecimento. Vale salientar a importância de mostrar ao estudante do Ensino Médio a união dessas duas formas de abordagem da vida social, trazendo para dentro da escola o saber produzido por estudiosos da Academia e, também, aquele elaborado pelos poetas repentistas sobre questões relevantes de seu tempo.

Outro fato digno de nota é que a partir da relação entre estes dois campos, ocorre a aproximação do repente com a escola, possibilitando o real conhecimento dos trabalhos dos poetas e suas principais características, desconstruindo, assim, possíveis preconceitos associados aos cantadores de viola. Desta forma, acreditamos que quaisquer ideias pejorativas podem ser desfeitas, viabilizando o surgimento de novas visões sobre esses artistas que contribuem positivamente com seu conhecimento e sua arte, descrevendo com brilhantismo as questões sociais.

REFERÊNCIAS

BRASIL. MEC. Conhecimentos de Sociologia. In: **Orientações Curriculares para o Ensino Médio: Ciências Humanas e suas Tecnologias**. Brasília: MEC/SEB, 2006.

CARDOZO, Jorge. **Karl Marx (1818-1883)**.

Disponível em: <<http://www.educacao.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espaco-virtual/espaco-autorias/artigos/karl-marx.pdf>>

Acesso em: 28/09/2015

FERRAZ, Cristiano Lima. **Marxismo e teoria das classes sociais**. POLITEIA: Hist. e Soc., Vitória da Conquista, v. 9, n. 1, p. 271-301, 2009.

Disponível em: <<http://periodicos.uesb.br/index.php/politeia/article/viewFile/570/566>>

Acesso em: 28/09/2015

JOST, Araci; SCHLESENER, Anita Helena. **Trabalho e formação humana: observações acerca dos escritos de Marx**. 6º Colóquio Internacional Marx e Engels. (GT 9 – Trabalho e produção no capitalismo contemporâneo).

Disponível em:

<http://www.ifch.unicamp.br/formulario_cemarx/selecao/2009/trabalhos/trabalho-e-formacao-humana.pdf>

Acesso em: 28/09/2015

LÊNIN, W.I., in. **Obras Escolhidas**, Alfa Omega.

Disponível em: <<http://vermelho.org.br/html/biblioteca/docs/karl.rtf>>

Acesso em: 28/09/2015

PEREIRA, Vanderley; AMÂNCIO, Geraldo. **De Repente Cantoria: Uma Coletânea de Versos e Repentes dos Maiores Cantadores do Brasil**. Fortaleza: LCR, 1995. 485 p.

QUEIROZ, Orlando (compositor). TELES, Waldir; SILVA, Sebastião da. (Intérpretes). O Suor dos Explorados. In: **De Repente a Voz do Povo**. Produção independente. Produtor Fonográfico: Quality Music. Produtor Artístico: Teo Azevedo. Estúdio: Bertuline. Técnico de Som: Enzo Bertuline. Fotógrafo: José Alves. Fabricado por Talismã Produções Fonográficas Ltda. São Gonçalo – RJ, 1995. Disco de vinil, Lado 2.

QUINTANEIRO, Tania et. al. **Um toque de clássicos: Marx, Durkheim e Weber**. – 2. ed. rev. amp. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

SAUTCHUK, João Miguel Manzollilo. **A Poética do Improviso: prática e habilidade no repente nordestino**. Tese de Doutorado. Orientador: Prof. Wilson Trajano Filho. Brasília, 2009.

Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/5091/1/Tese%20DAN-BCE.pdf>>

Acesso em: 20/09/2014

_____. A poética cantada: investigação das habilidades do repentista nordestino. In: **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**. n. 35. Brasília, janeiro-junho de 2010, p. 167-182.

SOLER, Luis. **Origens árabes no folclore do sertão brasileiro**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1995. 120 p.

SOUZA, S. E. **O uso de recursos didáticos no ensino escolar**. In: I Encontro de Pesquisa em Educação, IV Jornada de Prática de Ensino, XIII Semana de Pedagogia da UEM: “Infância e Práticas Educativas”. Arq Mudi. 2007.

Disponível em:

<http://www.pec.uem.br/pec_uem/revistas/arqmudi/volume_11/suplemento_02/artigos/019.pdf>

Acesso em: 20/09/2014

TOMAZI, Nelson Dacio. **Sociologia para o ensino médio**. – 2. ed. – São Paulo: Saraiva, 2010.

WILSON, Luis. **Roteiro de velhos cantadores e poetas populares do Sertão (Estado de Pernambuco)**. Prefácio do Prof. José Luiz Delgado. – Recife, FIAM / Centro de Estudos de História Municipal, 1985. 432 p. Coleção Tempo Municipal, 4.

ANEXOS

O Suor dos Explorados

Composição: Orlando Queiroz

Se Deus do céu nos ouvisse
E invertesse a moeda
Invés do choque ou da queda
O trabalhador subisse
Talvez o forte sentisse
Que os fracos são sofredores
Sentindo na pele as dores
Dos mesmos corpos suados
O suor dos explorados
Sustenta os exploradores

Trabalhar fora de horário
Acho uma exploração
Sem ter remuneração
Nem aumento de salário
Dando lucro a empresário
Contra nós trabalhadores
Aonde os nossos valores
Jamais foram respeitados
O suor dos explorados
Sustenta os exploradores

Exploração desumana
Acontece todo dia
Massacrando boia fria
Que vive cortando cana
Sem ter nem uma choupana
Moram todos a favores
Mandados pelos senhores
Que nunca foram mandados
O suor dos explorados

Sustenta os exploradores

O trabalhador rural
É quem mais tem padecido
Massacrado e oprimido
Por quem possui capital
Passa fome, dorme mal
Ara terra sem tratores
Puxando cultivadores
Como burros alugados
O suor dos explorados
Sustenta os exploradores

Já tenho visto o padeiro
Vendo o pão, morrer de fome
Produz o pão, mas não come
Porque lhe falta dinheiro
Eu também já vi pedreiro
Que faz mansão pra doutores
E os filhos são moradores
Nos meio dos favelados
O suor dos explorados
Sustenta os exploradores

Na empresa do burguês
Tem senhores e senhoras
Trabalhando doze horas
Por um salário de seis
Quando chega o fim do mês
Pra pagar fornecedores
Não dá, ficam devedores
Novos juros são cobrados
O suor dos explorados
Sustenta os exploradores

Este suor denuncia
Aos patrões mercenários
Que humilham os operários
Que promovem tiranias
Vampiros da covardia
Cruéis e perseguidores
Verdadeiros mercados
De corpos negociados
O suor dos explorados
Sustenta os exploradores

Só há uma solução
Pra resolver esse impasse
A consciência de classe
Contra toda exploração
Dividir com o patrão
Os lucros e dissabores
Colocando empregadores
No lugar dos empregados
O suor dos explorados
Sustenta os exploradores